

Sociabilidade dos imigrantes teuto-russos em Aguinhas, São Carlos/SC

*André Luiz Onghero**

*Mirian Carbonera***

Resumo

O artigo aborda o grupo de imigrantes teuto-russos instalados na localidade de Aguinhas, São Carlos-SC. A partir de suas memórias buscamos analisar um pouco da trajetória, desde a saída da antiga URSS até à chegada as novas terras no Brasil. Maior ênfase será dada à sociabilidade.

Palavras-chave: Memória. Teuto-russos. Sociabilidade.

Introdução

Este artigo procura apresentar brevemente a trajetória dos imigrantes teuto-russos estabelecidos na localidade de Aguinhas, São Carlos/SC, na década de 1930, enfatizando sua sociabilidade, expressa nas comemorações familiares e comunitárias, visitas e reuniões dançantes. O conteúdo apresentado é resultante do trabalho realizado em 2008, vinculado ao projeto Brasil Memória em Rede¹, do Ministério da Cultura. Com o objetivo de pesquisar e registrar práticas culturais de diferentes etnias, a equipe do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó) desenvolveu uma pesquisa com imigrantes teuto-russos. A equipe optou pela metodologia da História Oral, considerando que os documentos orais contribuem no registro de experiências coletivas e individuais e especialmente dão voz a sujeitos comuns, de aspectos da vida diária, de pessoas do campo ou da cidade (KHOURY; FERNANDES, 2008). Procurando conhecer e registrar memórias de homens e mulheres nascidos na Rússia², ou de seus filhos, foram realizadas 6 entrevistas gravadas em áudio e vídeo. Também foram digitalizadas fotografias que retratavam as trajetórias familiares e da comunidade formada pelo grupo na localidade de Aguinhas³. O material resultante da pesquisa foi incorporado ao acervo do Centro de Documentação do CEOM e, a partir dele, elaborados projetos para continuidade da pesquisa⁴ e artigos.

A trajetória dos teuto-russos e a vinda ao Brasil

Para compreender a presença dos teuto-russos no Brasil é importante uma breve explanação de sua trajetória. O termo teuto-russo, em alemão *russlanddeutsche*, é empregado para definir o descendente de alemães que, por viver ou ter nascido em território russo, possui nacionalidade russa. Este é o caso, por exemplo, da Sra. Ida Kasper, uma das entrevistadas que utiliza como documento a Cédula de Identidade de Estrangeiro, com nacionalidade Russa, registrando sua entrada no Brasil em 04/10/1930.

Conforme Pollak (1992), os elementos constitutivos da memória, individual ou coletiva

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de 'vividos por tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992, p. 201)

Neste sentido, percebemos que a trajetória das famílias destes imigrantes mantém-se presente nas memórias dos entrevistados, em que as lembranças da infância somam-se aos relatos ouvidos dos pais, tios, vizinhos e amigos. Segundo os relatos, o governo imperial da Rússia promoveu a colonização de partes do território com famílias alemãs, que formavam aldeias dedicadas à agricultura. O período cronológico em que a colonização aconteceu não fica claro nas memórias dos entrevistados, que apenas fazem referência aos "antepassados que saíram da Alemanha para se estabelecer na Sibéria". Tal processo de colonização teve continuidade dando origem a aldeias alemãs nas estepes siberianas. Lá, as condições climáticas definiam a rotina das famílias: "*dava até 40 graus abaixo de zero às vezes, o inverno lá era sete meses, [...] e cinco meses então pra plantar e colher tudo*"⁵ (Mathias Blanck).

Durante o verão, cultivavam principalmente o trigo, mas também batatas e legumes, entre os quais, o repolho. Estes alimentos eram estocados e tinham que abastecer as famílias durante o longo inverno, quando as temperaturas eram baixíssimas e a neve cobria a paisagem. Nestes meses, as famílias ficavam abrigadas nas casas, aquecidas pelo fogo. As aldeias eram formadas com casas próximas umas das outras e suas respectivas hortas e currais, onde os animais (bovinos, equinos, ovinos e aves), eram protegidos durante o inverno. Nas áreas de cultivo, localizadas a certa distância, trabalhavam utilizando máquinas de tração animal.

A partir da Revolução Russa de 1917, as aldeias alemãs da Sibéria começaram a sofrer modificações em seu modo de vida. Em alguns momentos, as autoridades estabelecidas solicitavam suas reservas de grãos, animais, ou até mesmo exigiam que membros da família se alistassem no serviço militar, ou realizassem serviços para o Estado. Tal situação desagradava muitos aldeões⁶, mas foi durante o governo de Joseph Stálin (1922-1953) que ocorreu a saída de grande número de famílias alemãs que viviam no território soviético. As famílias dos entrevistados deixaram a URSS por diversos motivos, entre os quais: o medo de prisão e execução por parte dos militares soviéticos; as péssimas condições de sobrevivência, prejudicadas pela desarticulação do modo de vida nas aldeias; a recusa em inserir os filhos no sistema de ensino soviético, o qual promoveria sua educação de acordo com a ideologia comunista soviética, gerando um conflito cultural e ideológico com aquelas famílias alemãs.

Fugindo das aldeias, abandonando as propriedades, as famílias procuraram sair do país. Algumas partiram para Moscou, de onde conseguiram viajar para a Alemanha, como relata a Sra. Ida Kasper:

Quando saímos da nossa casa eles deixaram tudo aberto. O gado solto, tudo, as janelas, as portas todas abertas. [...] Pra ninguém desconfiar, pra pensarem que tinha gente em casa. E assim saímos. Até a primeira cidade, daí fomos de trem até Moscou. [...] Dali eles foram até Alemanha [...]. E lá quando eles passaram a divisa com a Rússia pra outro país, aí então, outros soldados na frente cumprimentaram eles em alemão. Falaram pra eles 'pronto, agora vocês estão em casa! Agora vocês podem rir, podem cantar. Ninguém mais fará mal pra vocês!' Daí alegria, uns choraram, outros rezaram, outros cantaram.

Outras famílias empreenderam fuga em direção ao território chinês, onde se estabeleceram durante certo tempo. Conforme Gisi (1985), com a invasão japonesa na China, aquelas famílias foram encaminhadas para a Alemanha.

Porém, apesar da esperança em obter refúgio, as famílias fugitivas da Sibéria foram encaminhadas em grupos para diferentes países⁷, entre os quais o Brasil, para onde vieram a bordo de vários

navios. Como relembra o Sr. Mathias Blanck: *“parece que por 18 dias nós enxergamos só água e céu, mais nada”*.

Algumas imagens fotográficas tornaram-se referência nas memórias dos imigrantes⁸, como a Figura 1, apresentada a seguir, que retrata um grupo teuto-russo antes de sua saída da Alemanha, provavelmente em 1930.



Figura 1: Grupo teuto-russo em frente ao prédio da embaixada na Alemanha. A foto retrata um dos grupos encaminhados ao Brasil. Fonte: Doação de Rosa Schlee. Acervo CEOM.

Uma parte dos imigrantes teuto-russos recebeu terras na Bahia, com casas e lavouras prontas. Porém, além do contraste climático, uma epidemia de malária provocou várias mortes no grupo no qual estavam os familiares da Sra. Rosa Schlee, como ela nos conta:

Lá tinha muita malária, nós não aguentamos. Mais ou menos dois meses que nós estávamos lá, já tinham falecido 18 pessoas da malária. Então, meu pai logo começou a escrever cartas pra consulado alemão. [...] Chegamos de lá onde tinha 40 graus de frio e chegar lá com 40 graus de calor, e ainda aquela malária...

Após a tentativa frustrada de constituir uma colônia na Bahia, a embaixada alemã encaminhou os imigrantes a Porto Alegre/RS, onde, através da atuação da Companhia Territorial Sul Brasil⁹, foram conduzidos para localidades como São Carlos, no então município de Chapecó/SC. Kerbes (2004) afirma que as terras da referida companhia haviam sido visitadas pelo Comissariado de emigração da Alemanha e, a partir de 1930, mais de 300 famílias teuto-russas foram instaladas no oeste de Santa Catarina¹⁰. Conforme Werlang (2006), foram formados vários núcleos coloniais, separados por religião. Cerca de 90 famílias católicas estabeleceram-se na margem direita do Rio Chapecó, em São Carlos. Das famílias luteranas, 180 ocuparam terras a leste do Rio das Antas, atual município de Riqueza e outras 63 famílias adquiriram terras próximas ao rio Iracema, atual município de Caibi.

Os depoimentos indicam que as famílias não chegaram todas juntas a Aguinhas. Em 1930, enquanto algumas famílias foram encaminhadas para o oeste de Santa Catarina via Porto Alegre, outras chegaram à região após permanecer alguns meses na Bahia, e um terceiro grupo de imigrantes chegou ao longo dos anos de 1933 e 1934, composto por famílias que haviam fugido da Sibéria em direção à China.

São Carlos e a colonização teuto-russa

A partir de sua chegada às terras do oeste de Santa Catarina, os teuto-russos depararam-se com uma nova realidade, inserindo-se em um meio natural desconhecido, estabeleceram novos vínculos sociais e foram sujeitos no processo de colonização da região.

Atualmente, São Carlos é um município com 159 km² e 10.938 habitantes (IBGE, 2009). Situado na região oeste de Santa Catarina, é banhado por dois grandes rios, o Rio Uruguai, que faz divisa entre Santa Catarina e Rio Grande do Sul, e o Rio Chapecó, que divide os municípios de São Carlos/SC e Águas de Chapecó/SC.

Na ocasião da chegada dos teuto-russos, São Carlos¹¹ era uma vila pertencente ao município de Chapecó, que abrangia 14.741 km².

As referidas terras apresentam diferentes etapas de ocupação humana: a das populações “indígenas”, que remonta há milênios; o povoamento luso-brasileiro, a partir do século XVIII, e a colonização com europeus ou descendentes, estes vindos principalmente de colônias do Rio Grande do Sul, a partir da criação do município de Chapecó/SC em 1917. A colonização tinha o objetivo de inserir as terras do oeste catarinense no sistema econômico e político estadual e nacional, explorando os recursos naturais do local e estabelecendo povoados comercialmente produtivos¹². As terras da região foram repartidas entre várias companhias colonizadoras, dentre as quais a Companhia Colonizadora Sul Brasil.

Incentivadas pelo governo estadual, as companhias colonizadoras venderam lotes de terras, em condições de pagamento acessíveis, às famílias de migrantes. Em geral, a estratégia adotada era de constituir núcleos coloniais com famílias da mesma etnia e religião. Em São Carlos/SC, a maior parte dos colonizadores eram descendentes de alemães católicos vindos de colônias do Rio Grande do Sul, sendo raros, mas não inexistentes, os imigrantes vindos diretamente da Alemanha. A vinda dos teuto-russos para o local não é resultado de uma escolha do grupo, mas do empreendimento promovido pelas companhias colonizadoras, com apoio do governo do estado de Santa Catarina e da Cruz Vermelha, como relata o Sr. Mathias Blanck: *“Nós viemos pela Cruz Vermelha. Porque ali em Passarinhos¹³[atual município de Palmitos-SC] tinha a Companhia Sul Brasil, que comprou toda esta terra. Ali tinha que fazer loteamento e divisas com os colonos, e papéis [escrituras] e tudo, depois nós viemos”*.

Os teuto-russos e as formas de sociabilidade

As entrevistas indicam que o trabalho ocupava boa parte do tempo das famílias, baseado no sistema de pequenas propriedades

agrícolas, envolvendo o cultivo da terra, a criação de animais e as tarefas da casa. A partir desta rotina, as principais formas de sociabilidade presentes no cotidiano familiar estavam centradas no espaço comunitário e nas visitas às famílias vizinhas, como era costume, especialmente aos finais de semana. Conforme o Sr. Valentim Mumber, as visitas eram momentos para conversar, tomar café e chimarrão¹⁴. Nestes encontros, a vida na Sibéria e a viagem para o Brasil eram sempre lembrados, assim como as canções em alemão, trazidas na memória.

Além das canções, as danças são lembradas como uma das principais atividades de sociabilidade. A falta de um salão para a prática das danças não impedia que fossem realizadas em diferentes espaços onde as famílias se encontravam, como casas e armazéns. Conforme conta a Sra. Franziska Malsan: *“Antigamente eles dançavam nas casas. Naquelas casas maiores. Um homem tinha uma gaitinha pequena [bandoneon], então a gente aprendeu a dançar assim”*. Além de festas em casa, em virtude de não haver ainda um salão comunitário, o armazém construído pela comunidade para estocar o fumo produzido, servia como salão de baile: *“Quando eles começaram a plantar fumo, tinha aquele armazém de fumo. Quando ele estava vazio fizeram as festas lá dentro. Também bailes, às vezes, mas isso já era anos depois”* (Rosa Schlee). Segundo a Sra. Ida Kasper: *“Os bailes daquela época começavam às dez horas da noite e às doze horas todo mundo já procurava ‘agora nós vamos pra casa’. Não era até de madrugada como hoje. Iam a pé ou a cavalo. [...] Não era um salão, era um armazém”*.

Os domingos eram dias especialmente dedicados ao lazer e sociabilidade. Em conformidade com a tradição católica, havia missa, culto ou terço, pela manhã. Além do caráter religioso, eram ocasiões em que toda a comunidade se reunia, conversavam e, até mesmo, programavam outras atividades de lazer, como o passeio descrito pela Sra. Rosa Schlee:

No domingo a gente passeava. Nós tínhamos um domingo mais bonito do que esses jovens hoje em dia. Porque os jovens, as crianças, todos iam passear, não ficavam em casa. [...] De tarde nós fomos passear com os outros meninos, com os colegas e voltamos de lá, antes da noite [...]. Nós falamos, cantamos muito. Os primeiros que moravam aqui, eles se divertiram cantando. A turma começou saindo daqui e os outros todos ficavam na beira da estrada esperando. Quando chegamos lá em cima tinha uns quinze. [...] E nos divertíamos assim.

Enquanto os domingos proporcionavam uma brecha para o lazer na semana de trabalho, e eram também dias “santos”, de oração e descanso, no decorrer do ano também havia datas “santas”, que rompiam a linearidade do calendário e estabeleciam momentos especiais, de celebração, como Natal, Páscoa e Ano Novo. Destas festividades, as memórias guardam as alegrias vividas durante a infância, de receber a visita de personagens que só apareciam nestas datas, trazendo presentes e doces para as crianças. Segundo os depoimentos, na Sibéria eram moças que vestiam-se de forma a representar o “menino Jesus”, que trazia presentes, desempenhando um papel equivalente ao do Papai Noel, na atualidade, como contou o Sr. Martin Zeiser Filho:

O Papai Noel como hoje dizem, no nosso sistema lá [na Sibéria], quem fazia a festa, que aparecia vestido era sempre as moças. Porque pareciam mais com o menino Jesus, a aparência do rosto e tudo mais, é sempre mais parecido com a menina. Então eles faziam isso pra trazer os presentes.

Porém, no Brasil este costume mudou, o Natal era comemorado com a celebração na igreja e também com visitas aos vizinhos, como relata a Sra. Franziska Malsan:

Os vizinhos se encontravam de manhã, um ia tomar café na casa do outro desejar feliz natal, se abraçar e beijar. Então, eles tomavam café, depois eles iam na igreja. Na volta, um outro vizinho já convidava pra almoçar, então eles iam lá. Outro vizinho já arrumava a janta, e assim foi. Então eles cantavam os cantos de natal, em grupo, ajuntavam os vizinhos. Na igreja todo mundo se abraçava, todo mundo cantava..

Na Páscoa, as famílias escondiam os presentes no quintal e as crianças se divertiam procurando os doces, *“tinha doces feitos em casa e também comprados, mas aqueles eram só de açúcar. Eles compravam esses ovos de páscoa e coelhinhos. Depois, mais tarde então, veio o chocolate”* (Valentim Mumber).

A mudança de ano era marcada por uma espécie de procissão, realizada na noite de 31 de dezembro, na qual rapazes e homens passavam de casa em casa, cantando músicas que anunciavam o início de um novo ano:

O ano novo tinha um costume que veio lá da Rússia mesmo. E de noite, os jovens, a rapaziada, eles iam de casa em casa, cantavam. E tinha um canto especial pra essa finalidade. E o pessoal já sabia, já deixavam a mesa posta com comidas prontinhas. E como nós morávamos, mais ou menos, os últimos da linha, quando chegavam lá em casa era sempre dia. (Ida Kasper)

Então eles frequentavam, iam de casa em casa, cantando ao chegar. E entravam na casa e desejavam ano novo. [...] Pra sair, então diziam em alemão: ‘irmãos vamos andar!’ Que o vizinho também está esperando. [...] Aí saía de casa em casa, e principalmente não deixava de chegar onde tinha uma moça. E também casal novo a gente visitava todos. Nós chegávamos, não importava se era pobre ou rico. Não era pela mesa posta, porque, cada um oferecia o que tinha. (Martin Zeiser Filho)

Percebe-se que as celebrações de Natal, Páscoa e Ano Novo não ficavam restritas ao ambiente familiar, mas envolviam também os vizinhos e a comunidade. Além destas celebrações, havia festas comunitárias que celebravam principalmente os santos de devoção. Estas eram vinculadas aos espaços criados para utilização coletiva, como a escola e a igreja. Na Figura 2 observa-se um significativo número de pessoas, de diferentes idades, posando para a fotografia. Trata-se do registro fotográfico realizado em uma festa da escola construída pela comunidade de Aguinhas, cuja padroeira era Santa Catarina de Alexandria, devoção trazida da Sibéria, comemorada no dia 25 de novembro.



Figura 2: Comunidade em festa da escola. Na localidade de Aguinhas, São Carlos/SC. Sem data. Doação: Rosa Schlee. Acervo: CEOM.

Nas Figuras 2 e 3, destacam-se as vestimentas utilizadas, afinal, as festas comunitárias eram as principais ocasiões para exibir trajes escolhidos, que se diferenciavam daqueles usados no trabalho diário.

Nas festas costumavam-se reunir pequenos grupos diferenciados principalmente por idade e gênero, como mostra a Figura 3, que retrata um grupo de moças que residiam em Aguinhas.



Figura 3: Moças em dia de festa da igreja. Década de 1940. Local: Aguinhas, São Carlos/SC. Doação: Rosa Schlee. Acervo: CEOM.

Um dos momentos mais importantes das festas comunitárias era o almoço que, conforme afirma o Sr. Mathias Blanck, *“era comida cozida de panela, não conheciam o churrasco”*. A Sra. Rosa Schlee conta que, anos mais tarde, o churrasco passou a ser o prato principal, por *“ser mais prático”*, mudança de cardápio que reflete o contato com os colonizadores provenientes do Rio Grande de Sul e incorporação de alguns seus hábitos. Segundo a Sra. Ida Kasper, *“era o único churrasco que a gente comia o ano inteiro. A gente não fazia churrasco na época, então quando tinha festa a gente comia o tal de churrasco”*. Porém, a forma como as famílias procediam para almoçar mudou: *“cada um pegava um espeto e ia na grama com a família, sentava lá e comia. Hoje não, hoje tem que ser na mesa”* (Valentim Mumber).

Ao longo da tarde, outros pratos eram comercializados: *“de tarde então eles tinham cuca e bolo, eles faziam pra vender”* (Helena Malsan). Em relação às bebidas, a Sra. Franziska Malsan revela que homens e mulheres consumiam diferentes tipos de bebida:

“não tinha muita cerveja como hoje em dia, tinha mais vinho e... tinha aquela gasosa [refrigerante], de framboesa, aquele a gente tomava. Os homens tomavam vinho e as mulheres aquela framboesa”.

A Figura 4 apresenta um grupo de homens que, provavelmente, teriam atuado como churrasqueiros na festa de casamento de Maria de Lourdes Blanck e Rovenó Engelmänn. Nas festas, o papel de churrasqueiro é tradicionalmente desempenhado por homens, que temperam e espetam os pedaços de carne, acendem o fogo e cuidam para que a carne seja assada adequadamente.



Figura 4: Churrasco de casamento de Maria de Lourdes Blanck com Rovenó Engelmänn. Sem data. Local: São Carlos/SC. Doação: Mathias Blanck. Acervo: CEOM.

Festas de casamento também eram um momento de encontro entre as famílias, normalmente comemorado conforme o costume trazido das colônias do Rio Grande do Sul: “primeiro era a celebração da missa depois, ao meio dia, tinha churrasco e assim o pessoal se divertia” (Valentim Mumber). O casamento iniciava com o café dos noivos, pela manhã. Depois, iam para a igreja, onde a cerimônia religiosa oficializava a união perante a comunidade. Em seguida, os convidados dirigiam-se ao local designado para o almoço, que era composto de churrasco, saladas, pães e cucas. Também aconteciam danças e brincadeiras com os noivos, “outra pessoa rouba o sapato da noiva, então eles vendem o sapato” (Mathias Blanck).

A Figura 5 retrata os convidados da festa de casamento de Norberto Polhmayer. Além dos noivos e familiares, está presente um grupo de músicos, que exibem seus instrumentos, indicando que a festa contou com música e, provavelmente, com danças. O grupo de pessoas está posicionado em frente a um galpão de madeira, que, assim como o chão de terra, contrasta com os ternos, gravatas, vestidos e penteados, revelando ao mesmo tempo, a rusticidade das condições de trabalho e a valorização da celebração da união matrimonial.



Figura 5: Festa de casamento, os noivos Noberto Polhmayer e esposa, da família Geier. Local: Aguinhas, São Carlos, SC. Sem data. Doação: Mathias Blanck. Acervo: CEOM

Embora não sejam exclusivos da cultura alemã, os conjuntos musicais em que destacam-se instrumentos como trompetes e trombones (apresentados na Figura 5) são uma característica marcante da sua cultura, presentes também nas regiões colonizadas por alemães, constituindo um elemento importante de suas festividades¹⁵. Vale lembrar que, mesmo residindo na Rússia durante várias gerações, os teuto-russos mantiveram muitos elementos de sua cultura germânica de origem.

Considerações finais

Os imigrantes teuto-russos que chegaram em Aguinhas na década de 1930, atualmente residem em diferentes locais, muitas famílias saíram de São Carlos e vivem em municípios próximos, em outros estados e até mesmo em outros países latino-americanos. Porém, suas memórias os identificam com um passado comum, marcado pela saída da Sibéria e o desafio de adaptar-se a uma nova realidade.

Oito décadas depois da saída da Sibéria, muitos dos costumes registrados nos depoimentos não são mais praticados da mesma forma, pois a dispersão e convívio com outros grupos, assim como a modificação dos hábitos associada à urbanização, resultou em novas forma de sociabilidade. Por outro lado, as memórias e algumas práticas destes imigrantes continuam presentes no espaço doméstico, no convívio familiar, sendo transmitida às novas gerações. A importância do trabalho de pesquisa sobre estes imigrantes contribui para trazer a público suas narrativas, evidenciando outras experiências e valores que compõe a história e a cultura dos teuto-russos e da região oeste de Santa Catarina.

Notas

* Mestre em Educação – Faculdade de Educação/Unicamp. Técnico em pesquisa no CEOM/Unochapecó.

** Doutoranda em Arqueologia do MAE- USP. Técnica em Arqueologia no CEOM/Unochapecó.

¹ O CEOM participou do projeto Brasil Memória em Rede, filiado ao Polo Regional do Rio Grande do Sul, afiliado ao Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.

² Foram entrevistados o Sr. Martin Zeiser Filho, Sra. Ida Kasper, Sra. Fraziska Malsan, Sr. Mathias Blanck, Sra. Rosa Schlee, nascidos na Rússia, e Sr. Valentim Mumber, Sra. Helena Malsan, filhos de teuto-russos, nascidos no Brasil.

³ As obras de Werlang (1992), Gisi (1985) e Janssen e; Di Domênico (1998) também abordam a temática da imigração teuto-russa, sob diferentes perspectivas.

⁴ Os projetos previam a realização de pesquisa abrangendo toda a região onde houve colonização em as famílias católicas que haviam colonizado a localidade de Aguinhas, área rural de São Carlos-SC.

⁵ Os trechos de entrevistas transcritas sofreram modificações procurando aproximar as falas dos entrevistados das normas gramaticais da língua portuguesa, sem alterar o seu sentido. Destacamos que os entrevistados costumam comunicar-se em alemão sempre que possível e quando expressam-se em português, apresentam formas peculiares de sintaxe e pronúncia.

⁶ Observa-se, entre os teuto-russos entrevistados, a frequência do nome Nikolaus, referência ao último czar russo e também Katharina, a czarina de origem prussiana que incentivou a colonização alemã em regiões da Rússia. Além disso, a santa padroeira da Igreja católica de Aguinhas é Santa Catarina de Alexandria, devoção trazida das aldeias siberianas. Estes indícios sugerem simpatia ao império russo destituído em 1917.

⁷ Além do Brasil, houve colônias teuto-russas no Canadá e Estados Unidos.

⁸ Ao conceder a entrevista, a Sra. Rosa Schlee trouxe consigo esta fotografia, em que identificava a si, aos familiares e conhecidos.

⁹ Mais informações a respeito da Companhia Colonizadora Sul Brasil podem ser encontradas na obra de WERLANG (1992, 2006), WERLE (1994).

¹⁰ Atualmente essa população encontra-se dispersa em vários pontos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai e Uruguai.

¹¹ São Carlos tornou-se distrito de Chapecó em 1938 e emancipou-se em 1953 (PIAZZA, 1994).

¹² As populações indígenas e luso-brasileiras tinham produção voltada à subsistência. A partir da ação das companhias colonizadoras, a região foi intensamente explorada comercialmente, principalmente com a extração da madeira nativa.

¹³ Em 1929, Carlos Culmey, diretor da Companhia Territorial Sul Brasil, transferiu a sede da empresa para a vila Passarinhos que deu origem ao atual município de Palmitos-SC (WERLANG, 2006).

¹⁴ Hábito adquirido em Aguinhas, a partir do contato com imigrantes alemães vindos do Rio Grande do Sul.

¹⁵ As “bandinhas”, nome utilizado para referir-se aos conjuntos musicais na região, e a festa do Kerb, são temas estudados nas obras de Wollf (1995; 2001).

Fontes Orais

BLANCK, Mathias. Entrevista concedida aos pesquisadores André Onghero e Mirian Carbonera, no dia 04/12/2008, em São Carlos/SC.

KASPER, Ida Eiseler. Entrevista aos pesquisadores André Onghero e Mirian Carbonera, no dia 12/12/2008, em Saudades/SC.

MALSAN, Franziska; MALSAN, Helena. Entrevista concedida aos pesquisadores André Onghero e Mirian Carbonera, no dia 04/12/2008, em São Carlos/SC.

MUMBER, Valentim. Entrevista concedida aos pesquisadores André Onghero e Mirian Carbonera, no dia 28/11/2008, em Aguinhas, São Carlos/SC.

SCHLEE, Rosa; MUMBER, Valentim. Entrevista concedida aos pesquisadores André Onghero e Mirian Carbonera, no dia 28/11/2008, em Aguinhas, São Carlos/SC.

ZEISER FILHO, Martin; ZEISER, Herna Klauck. Entrevista concedida aos pesquisadores André Onghero e Mirian Carbonera, no dia 12/12/2008, em Saudades/SC.

Referências

CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA. Das estepes Siberianas às matas do Oeste Catarinense. **Revista Memória e Etnicidade**, Santa Maria: Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – UFSM, 2009.

EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Chapecó: Argos, 2009.

GISI, Clemens. **Eu fugi da Sibéria**. Chapecó, SC: Ed. Amigos do autor, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**: São Carlos, SC. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em: 09 mar. 2010.

KERBES, Zenaide I. S. **Conhecendo São Carlos**. São Carlos, SC: Gráfica Editora Porto Novo, 2004.

KHOURY, Yara Aun; FERNADES, Simone Silva. **Como Fazer Projetos e Organizar Arquivos de História Oral**: Associação Arquivista de São Paulo. São Paulo: Arquivo do Estado, 2008 (Coleção Como Fazer)

JANSSEN, Maria G.; DI DOMÊNICO, Silvani M. **Resgatando uma história Teuto-Russa no Oeste Catarinense e a vida cotidiana das mulheres casadas no município de Riqueza – SC**. 1998. Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó, 1998.

PIAZZA, Walter F. **A colonização de Santa Catarina**. 3 ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, vol. 5, n.10, Rio de Janeiro: FGV, 1992. p. 200-215.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. Dados Gerais. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sc.gov.br/conteudo/?item=21808&fa=11190>> Acesso em: 09 mar. 2010.

WERLANG, Alceu A. **A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo Oeste Catarinense: atuação da CIA Territorial Sul Brasil 1925 à 1954.** 1992. Dissertação (Mestrado História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

_____. **Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil.** Chapecó, SC: Argos, 2006.

WERLE, Marcelo. **Repensando histórias da colonização da vila de São Carlos: a política de colonização e a política de ocupação – 1926 a 1939.** 1994. Monografia – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Chapecó/ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1994.

WOLFF, Juçara Nair. **Bandinhas e a Festa do Kerb.** Chapecó, SC: Argos, 2001.

_____. **Porto Dos Cantadores: A Construção da Colônia ao Ritmo e ao Som das Bandinhas.** Esboços. vol 2. n 2. Florianópolis: UFSC, 1995.

Abstract

The article deals with the immigrant russian-german installed in Aguiinhas, São Carlos, SC. From their memories we analyzed some of the trajectory, since the departure from the USSR until the arrival on the new lands in Brazil. Will be emphasised the sociability.

Keywords: Memory, Russian-german. Sociability.